

## MAPA DA UTILIZAÇÃO DO SOLO EM PORTUGAL

Dois tipos de mapas murais podem ser utilizados no ensino: os que a isso forem destinados, obedecendo a requisitos de simplicidade e de clareza, e os mapas especializados que permitam extrair-se-lhes imagens de conjunto que o professor possa facilmente comentar e o aluno compreender. Os *Mapas de Amorim Girão e Fernandes Martins* (sete duma boa série, infelizmente incompleta, que deveria abranger as cinco partes do mundo em representação *física e política*) são os únicos aproveitáveis, mas nada existe quanto a Portugal. Os alunos continuam a ter debaixo dos olhos mapas de Portugal com as bandeirinhas das batalhas pregadas em cima das vilas e cidades e os montes de areia, arrumados a um canto, que pretendem figurar as montanhas. Na falta de mapas didácticos, alguns bons mapas especializados deverão servir para tal fim, desde que, no ensino liceal ou técnico, se fala do País. Um mapa geológico, por exemplo, não poderá ser maneado senão nos últimos anos, pela complexidade de símbolos e pelas noções de base que requer. Um mapa hipsométrico ou um mapa da distribuição da população podem ser explicados a uma criança. Por isso se chama a atenção dos professores para o que considero o maior êxito da cartografia de composição entre nós: a *Carta Agrícola e Florestal de Portugal (grandes grupos de utilização do solo)* recentemente publicada pelo Serviço de Reconhecimento e de Ordenamento Agrário, dentro das normas doutros importantes trabalhos cartográficos a que noutra lugar se fez referência <sup>(1)</sup>. Das três folhas a 1:250 000 se pode fazer uma montagem de conjunto em dimensões que qualquer sala de aula pode comportar. Do ensino primário ao ensino superior, em todas as matérias onde seja importante *conhecer* o País, as suas variações e os seus contrastes regionais, este mapa devia estar sempre debaixo dos olhos de quem ensina e de quem estuda: não apenas agrónomos (a que principalmente foi destinado) nem geógrafos (clientes fiéis de toda a cartografia), mas climatólogos, naturalistas, historiadores, economistas, sociólogos, urbanistas, etc. Pela minúcia e exactidão que a escala comporta, o mapa deverá ser, no campo, assíduo companheiro de trabalho; mas os pormenores fundem-se numa imagem de conjunto tão clara e tão vigorosa que a sua utilidade não é menor como mapa mural.

A legenda é extremamente simples: «utilização agrícola» em sequeiro e em regadio (distinção fundamental em todo o mundo mediterrâneo, dada pelo contraste entre cor de rosa pálido e azul escuro), «utilização agro-florestal» (campos arborizados, principalmente *montado* de sobreiro e de azinheira, mas também *soutos* de castanheiros no Norte interior), «utilização florestal» (principalmente pinhais mas também eucaliptais, sobreirais quando tratados em floresta, etc.), «incultos» (cumeadas e areias da beira-mar), «salinas», «rios e albufeiras» (as mais extensas criadas pelas barragens), povoações importantes. Os limites e sedes

<sup>(1)</sup> V. pp. 280.

de concelho, as curvas hipsométricas equidistantes de 100 m, facilitam a localização precisa de qualquer mancha.

Da imagem de conjunto ressaltam admiravelmente:

1) A policultura de regadio do Noroeste (o *campo-prado*, na minha nomenclatura), que se insinua pelos fundos dos vales, entre montanhas e pinhais; até os principais alinhamentos de fracturas são sublinhados pela utilização do solo em campinhos e socalcos regados.

2) O contraste entre o Norte atlântico e o Norte trasmontano, onde prevalece o sequeiro e o regadio se insinua apenas em alguns fundos de vale.

3) A rearborização com pinheiros nos areais da beira-mar, ao norte da Nazaré, nas serranias de xisto da Cordilheira Central e sua orla de SO, nas charnecas do vale baixo do Tejo (aqui também com eucalipto).

4) O «polimorfismo» da Estremadura (expressão grata ao meu mestre SILVA TELLES), onde se encontram, em retalhos, por vezes exíguos, um sequeiro complexo, incultos, bosques e um pouco de regadio.

5) A grande mancha do sistema agrícola alentejano (cereais em rotação com pousio pastoril), na maior extensão em *campos arborizados* mas também com nesgas ou manchas vastas de *campos limpos*.

6) O Algarve, com a Serra, em parte inculta e coberta de sobreirais, e as baixas ocupadas por campos e hortas.

Da análise do mapa sobressaem as novas obras de rega empreendidas pelo Estado (Chaves, Idanha, sul do Tejo), mas as grandes áreas de regadio existiam no Noroeste, no Campo do Mondego, nas hortas algarvias, antes da intervenção oficial e ocupam ainda as maiores extensões. Do mesmo modo, à arborização insensível, empreendida pelos camponeses, se deve a densa mancha de pinhais nas cascalheiras do Tejo, à saída do maciço antigo, e nos cabeços retalhados no xisto, onde a rocha descarnada interdita qualquer cultura. Parece importante apontar, a título de exemplo, estes dois factos. Uma paisagem rural *espontânea* pode mostrar soluções acertadas na utilização do solo que o *ordenamento agrário*, tão importante e urgente pelo atraso da nossa agricultura, só lucra em *reconhecer* e ter em conta. A obra empreendida por um serviço público, que dotou o País de alguns elementos fundamentais para o conhecimento e a compreensão dele, merece, com o apreço que fica expresso, a larga difusão que só o ensino poderá trazer-lhe.

ORLANDO RIBEIRO

